

Organização das contribuições

Não foi com surpresa, mas foi com agradável satisfação que, após o seu apelo para contribuições para esta Homenagem à Prof.^a Manuela Silva, os membros da Comissão Editorial se confrontaram com numerosas, diversificadas e valiosas respostas por parte de amigos e membros da comunidade académica. Esta circunstância levou-os a classificar os textos recebidos em três categorias, embora nem sempre tivesse sido fácil poder dizer que um texto tinha apenas características de uma das categorias.

Perante esta dificuldade entendemos que um texto deveria ser classificado na categoria cujas características possuísse predominantemente. As categorias adoptadas foram as seguintes:

- I – Testemunhos
- II – A Vida, o Pensamento e a Obra
- III – Outros Desenvolvimentos

A Comissão Editorial

Índice

Intervenção de Sua Excelência o Presidente da República, na Cerimóniade Homenagem à Senhora Profa. Doutora Manuela Silva	13
Nota de Abertura – O Legado de Manuela Silva: um desafio para o futuro <i>Carlos Farinha Rodrigues</i>	15
Entrevista com Maria Manuela Silva	25

1. TESTEMUNHOS

Manuela Silva: Homenagem a uma “Universitária Preocupada” <i>António Romão</i>	51
Manuela Silva: abertura e coerência <i>Cláudio Teixeira</i>	57
Um breve testemunho em memória de Manuela Silva <i>Deolinda Machado</i>	61
Uma vida dedicada ao próximo <i>Ivo Gomes Francisco</i>	65
Fé Cristã, Profecia e Cidadania <i>José Leitão.....</i>	67
Aprender com Manuela Silva <i>Margarida Chagas Lopes</i>	91

Manuela Silva – no cruzamento da ética, da estética, da política e da espiritualidade	
<i>Maria Luísa Ribeiro Ferreira</i>	103
Caminhos Cruzados (Vivências 1962-1983)	
<i>Miguel Caetano</i>	115
O que movia Manuela Silva	
<i>Pedro Vaz Patto</i>	137
 2. A VIDA, O PENSAMENTO E A OBRA	
Na esteira de Manuela Silva: Um olhar sensível ao género sobre a pobreza urbana em Portugal	
<i>Ana Cardoso e Heloisa Perista</i>	151
O Desenvolvimento – da “Pacem in Terris” à Fratelli Tutti” passando pela “Laudato Si”. Em homenagem a Manuela Silva	
<i>Fernando Gomes Silva</i>	171
“Desenvolvimento Comunitário” – o caso da Benedita Conceitos fundamentais	
<i>Isabel Rufino</i>	185
Manuela Silva e a introdução da corrente do Desenvolvimento Social em Portugal (1963-1982)	
<i>João Estevão</i>	211
Economia, Política Social e Desenvolvimento nos Primeiros Escritos de Manuela Silva (1957-1961)	
<i>José Luis Cardoso</i>	237
As pessoas, o desenvolvimento e o território	
<i>Manuel Brandão Alves</i>	257
As Mulheres no Mercado Financeiro Português	
<i>Karishma Niles, Mariana Cruz, Marlene Leitão, Rahul Jivan e Margarida Abreu</i>	287

Mulheres e Desenvolvimento Comunitário na Freguesia de Benedita, a Partir dos Anos 60	
<i>Maria Lúcia Marques Serralheiro</i>	317
As crenças e os valores importam na Economia? O legado de Manuela Silva para um novo paradigma humanista na ciência económica	
<i>Vitor Neves</i>	343
3. OUTROS DESENVOLVIMENTOS	
Obesidade e Desigualdades Socioeconómicas em Adultos Portugueses	
<i>Aida Tavares e Carlota Quintal</i>	361
Comunidades: Ontem, Hoje e Sempre são do que as Pessoas Precisam para Viverem Bem como Seres Sociais	
<i>Américo M. S. Carvalho Mendes</i>	393
Desafios ao Desenvolvimento do Capital Humano: Do Antropoceno ao COVID 19 e à Inteligência Artificial	
<i>Américo Ramos dos Santos</i>	419
Teoria, Doutrina e Política de Desenvolvimento em Portugal	
<i>Carlos Bastien e Ana Bela Nunes</i>	449
Pobreza Energética em Portugal	
<i>Carlos Farinha Rodrigues; Vítor Escária; Francisco Nunes e Joana Vicente</i>	481
Nota sobre Salário Digno: uma reflexão sobre a sociedade portuguesa	
<i>José António Pereirinha</i>	517
Doutrina Social da Igreja e Responsabilidade Corporativa. Os Desafios Empresariais do Bem Comum	
<i>José Dias Lopes e Adelino Prata</i>	541
A sociedade a interpelar criticamente a economia: tensões e respostas num tempo longo	
<i>José Reis</i>	561

Desenvolvimento sustentável para as zonas mais desfavorecidas <i>Manuel Belo Moreira</i>	581
Assessing the Social Economic Values of Cultural Heritage Valorization Programs by a Contingent Valuation Approach: The case of Brinches and Sobreira de Cima <i>Maria Isabel Mendes</i>	611
A doutrina social da Igreja em perspetiva histórica: origens, continuidades e viragens <i>Nuno Valério</i>	627
Need, unmet need, and shortage in the long-term care market <i>Paula C. Albuquerque</i>	659
O comportamento das empresas: dos dividendos à missão <i>Pedro Verga Matos e Clarisse Stephan</i>	681
A Presença da Mulher na Força de Trabalho e seu Impacto no Desempenho nas Instituições de Microfinanças da Região da SADC <i>Raquel Medeiros Gaspar e Elsa Assiaty Agostinho</i>	703
Resenha histórica e análise da política de gestão da dívida pública portuguesa <i>Ricardo Cabral</i>	725
Abordagem da distribuição do rendimento e da riqueza com base numa matriz de contabilidade social. Aplicação a Portugal <i>Susana Santos</i>	743

Intervenção de Sua Excelência o Presidente da República, na Cerimónia de Homenagem à Senhora Prof^a Doutora Manuela Silva

Excelências,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,
Caras Amigas e Caros Amigos.

Pensada há muito tempo, esta homenagem a Manuela Silva só agora se concretiza. É pena. Porque deveria ter-se antecipado à sua partida.

E, no entanto, apesar da generosa diligência de tantos, como Jorge Wemans, as razões foram-se somando para um adiamento, tão português – o estado de saúde, cada vez mais precário, as dificuldades no tempo, no lugar, na escolha entre a repetição ou quase de um cerimonial académico já ocorrido, e a procura de uma justificação que ultrapassasse as suas reservas de maneira de ser e, sobretudo, de fragilidade física crescente.

Penitenciando-me por, tendo aderido, desde logo, à ideia, me haver resignado a adiamentos que, como se viu, poderiam ser irreversíveis, aqui venho, hoje, secundar, solidariamente, esta justíssima evocação.

Em que – tal como no seu simples mas tocante funeral – o que mais importa são as presenças e o espírito dessas presenças.

Por isso, serei muito breve.

Todos sabemos de Manuela Silva economista, professora, investigadora, pedagoga de exceção.

Todos sabemos de Manuela Silva militante social, cultural, política sem tréguas, incansável, indomável, a tudo resistente, intocável na sua coerência e na sua coragem.

Todos sabemos de Manuela Silva mulher de Fé, Fé em Deus e nas mulheres e nos homens portadores de libertação, de luta contra a iniquidade, a miséria, a injustiça, de promoção da paz, da fraternidade, da igualdade, da dignidade da pessoa e das pessoas.

Todos conhecemos as suas *Bem-Aventuranças, escritas em Betânia*.

Mas será que todos conhecemos essas outras múltiplas dádivas concretas, discretas, feitas de devoção diária e anónima e humilde, nas quais a excepcional economista e militante social e política, e mulher de Fé, mostrava que as obras valem muito mais do que as palavras, os gestos pesam muito mais do que as intenções, os minutos de doação de vida significam muito mais do que os anos de ensino, de escrita, de desempenho de cargos públicos?

Será que todos conhecemos, por exemplo, a *Casa de Betânia* e o que ela lhe deu da sua vida, anos a fio? E o que isso marcou a realização pessoal de quem, de outro modo, ficaria nas margens da comunidade, ou seja, da vida?

Se conhecemos, então conhecemos quase toda a Manuela Silva. Se não, temos ainda muito de andar para, verdadeiramente, a compreender...

Neste dia, em que nos encontramos para a evocar e no seu exemplo buscarmos razões acrescidas para os caminhos que nos aguardam – e são eles bem diferentes – no desafio quotidiano de fazer avançar, uns milímetros que seja, as *Bem-Aventuranças* que foram a razão de existir da nossa para sempre evocada, o que pode o Presidente da República fazer, em nome de todos os Portugueses, que seja um sinal de gratidão, mesmo se tardia, e de incentivo, mesmo se modesto?

Pode entregar à sua Família, toda ela, a do sangue, e, com ela, a do compromisso diário, um símbolo pequeno para uma Mulher tão grande – Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública. Pois não foi essa grande Mulher, grande Professora nas ideias e nos atos, grande Portuguesa, uma Mestre que nos instruiu, nos guiou, nos motivou, nos deu o rumo para uma sociedade mais humana, para um Portugal bem melhor?

NOTA DE ABERTURA

O Legado de Manuela Silva: um desafio para o futuro

Carlos Farinha Rodrigues¹

A partida da Manuela Silva deixou um vazio difícil de preencher na sociedade portuguesa e esta minha breve homenagem deverá ser entendida como uma forma de preservar e aprofundar o seu legado de nunca desistir de lutar por uma sociedade mais justa, equitativa, solidária e sem pobreza ou exclusão social. O testemunho prestado ao seu percurso não é predominantemente um revisitar do passado: as convicções por que Manuela Silva sempre lutou permanecem vivas naqueles que com ela aprenderam, trabalharam ou simplesmente partilharam ideias. A sua visão de uma economia ao serviço das pessoas, a necessidade de um desenvolvimento socioeconómico sustentado e inclusivo permanecem hoje como um desafio para o futuro, como um guia para todos aqueles que partilham dessa mesma visão.

Permitam-me que comece com uma nota pessoal. A Manuela Silva foi das pessoas que mais marcou a minha vida pessoal e académica durante os últimos 40 anos. Foi minha professora no Mestrado em Economia do ISEG, orientadora da minha tese de Mestrado e coorientadora (com o Prof. Tony Atkinson) da minha tese de Doutoramento. Tive o privilégio de trabalhar com ela no CISEP, no CRC, no grupo Economia e Sociedade e em múltiplas atividades no ISEG.

¹ Uma versão preliminar deste texto foi publicada na Revista Faces de Eva da FCSH da Universidade Nova de Lisboa em 2019.

Ao longo desta caminhada comum que ela me proporcionou, aprendi muito do ponto de vista académico e beneficiei largamente da sua energia resplandecente e contagiante, capaz de galvanizar e mobilizar vontades e de conferir sempre uma utilidade social ao trabalho desenvolvido. Mas, acima de tudo, aprendi com ela uma visão profundamente humanista da sociedade e do mundo, em que a atividade humana somente ganha o seu verdadeiro sentido se se traduzir num serviço à comunidade em que estamos inseridos e, em particular, aos seus elementos mais desfavorecidos. Com a partida da Manuela Silva perdi uma amiga sempre presente, alguém que nas pequenas e nas grandes questões constituía sempre uma luz esclarecida quanto ao caminho a trilhar e às formas de o percorrer. Ficam-nos os seus ensinamentos, a memória do seu amor à vida e ao próximo.

Descrever o percurso de Manuela Silva, ainda que numa forma muito sucinta e incompleta, não é tarefa fácil. A profundidade da sua reflexão sobre a sociedade e a vida, diferentes espaços em que a sua ação se desenvolveu, profunda energia que colocava em tudo que fazia e a enorme capacidade de mobilizar a participação de outros, conjuntamente com a enorme coerência das ideias e práticas desenvolvidas ao longo dos anos, inviabilizam qualquer tentativa de segmentar cada uma das vertentes da atuação do seu trabalho.

As várias facetas que dela conhecemos são inseparáveis: a economista brilhante que sempre foi, a cidadã ativamente empenhada numa sociedade mais justa, a professora universitária sempre atenta ao papel da Universidade na sociedade, a católica profundamente marcada pela doutrina social da igreja.

Maria Manuela da Silva nasceu em Cascais em 1932. O seu percurso académico inicia-se na Escola Comercial de Ferreira Borges e no Instituto Comercial de Lisboa, ingressando no ISCEF, agora Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa, em 1949.

O seu tempo de estudante universitária não é somente despendido com as atividades académicas. Cedo encontra forma de as conjugar com uma participação intensa na Juventude Universitária

Católica Feminina onde, entre outras atividades, é responsável pela realização do primeiro inquérito à condição dos estudantes universitários em Portugal.

A sua entrada no ISCEF coincide com o lançamento da primeira licenciatura em Economia em Portugal. Cinco anos depois torna-se a primeira mulher licenciada em Economia por uma universidade portuguesa, obtendo a classificação mais elevada do seu curso (17,3 valores). Não obstante, e ao contrário dos restantes três primeiros Licenciados em Economia (todos homens), Manuela Silva não é convidada para a carreira docente unicamente por ser mulher.

Afastada da Universidade, Manuela Silva inicia a sua vida profissional. Entre 1955 e 1960 desempenha funções no Ministério das Corporações e Previdência Social, nos Serviços de Ação Social e no Centro de Estudos Sociais e Corporativos da Junta de Ação Social. Tendo a incumbência de acompanhar as relações laborais, particularmente a situação das mulheres no mercado de trabalho, cedo se destaca aquela que se tornaria uma das vertentes essenciais da sua visão e atividade em todos os organismos por onde passou: a profunda preocupação social com os diferentes aspetos da economia.

Essa preocupação social está presente logo nos primeiros artigos que publica, ainda nos anos 50, onde a temática dos salários, e da sua justa determinação, surge claramente vincada: “Contribuição ao estudo do salário na indústria transformadora portuguesa” em 1956, “Sobre a análise económica do salário” e “O salário e a reforma da empresa” em 1957, “Critérios económicos e fixação de salários nas economias livres” em 1959 e “Sobre o princípio de trabalho igual salário igual” em 1960.

Na década de 60 participa ativamente no Graal, movimento internacional de mulheres católicas, onde desenvolve um projeto pioneiro no estudo do desenvolvimento comunitário em Portugal na zona de Portalegre. Além da identificação das principais carências da população, o projeto promove iniciativas de alfabetização e de consciencialização social.

A sua participação em iniciativas de desenvolvimento comunitário ganha uma consistência acrescida ao fazer parte da equipa

de “Estudos e experimentação em desenvolvimento comunitário” promovida pela Associação Industrial Portuguesa (1960-64), continuando com a sua nomeação primeiro para Diretora do Gabinete de Estudos Sociais do Ministério da Saúde e depois para Chefe dos Serviços de Ação Social Comunitária do mesmo Ministério.

O trabalho de desenvolvimento comunitário implementado nas freguesias de Benedita e Bárrio no concelho de Alcobaça constitui um estudo marcante e inovador de levantamento socioeconómico e demonstra as potencialidades do planeamento do desenvolvimento local participado. Mais, reflete uma visão inovadora da própria noção de desenvolvimento já claramente consolidada em Manuela Silva.

A sua atividade profícua é testemunhada por diversos artigos: “Oportunidade do desenvolvimento comunitário em Portugal” e “Assimetrias espaciais do progresso no continente português” em 1964, “O desenvolvimento económico e a política social” em 1970 e “Os discursos de planificação social e os sistemas de exclusão que os demarcam” em 1976.

Em 1970, Manuela Silva volta ao ISEG, agora como docente, onde é responsável pela reorganização, criação e lecionação das disciplinas de Planeamento Social, Teoria e Técnicas de Planeamento e Política Económica (todas da licenciatura em Economia) e de Planeamento (do Mestrado em Economia).

Esta preocupação crescente com as questões do planeamento e a política social é refletida em diversas obras deste período: “O Desenvolvimento Económico e a Política Social” em 1970, “Análise Sistémica, Modelização Social e Planificação” em 1973 e “Os Discursos de Planificação Social e os Sistemas de Exclusão que os Demarcam” em 1976.

A importância que confere à necessidade tanto de repensar as questões do desenvolvimento (económico, social, ambiental) como do Planeamento como respostas aos desafios do desenvolvimento ganha um novo espaço de intervenção cívica com a sua nomeação para Secretária de Estado para o Planeamento no I Governo Constitucional em 1976-77. Sob a sua orientação é elaborado um plano nacional de desenvolvimento económico e social (Plano de Médio

Prazo 77-80) assente numa estratégia de desenvolvimento segundo as necessidades básicas. Apesar de nunca ter sido aprovado e implementado, este plano representa um esforço ímpar da administração pública pós 25 de abril de identificação dos principais estrangulamentos da economia e da sociedade e de encontrar soluções capazes de promover um desenvolvimento sustentado do nosso país.

Terminada a experiência governativa, Manuela Silva volta à docência e investigação no ISEG. Entre 1982-85 é diretora da Revista Estudos de Economia e preside ao Conselho Pedagógico. Manuela Silva assume igualmente um papel de destaque na criação do CISEP (Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa), sendo seu membro fundador e também membro da sua primeira Comissão Diretiva. No final dos anos 80 é responsável pela criação de uma pós-graduação e dum mestrado em Economia e Política Social.

É também na década de 80 que Manuela Silva coordena os primeiros estudos científicos sobre a pobreza realizados em Portugal: “Uma Estimativa da Pobreza em Portugal em abril de 1974” em 1984, “A Pobreza em Portugal” em 1985, “Pobreza Urbana em Portugal” em 1987 e “A pobreza infantil em Portugal” em 1991. Não poderia aqui deixar de referir a sua colaboração com Alfredo Bruto da Costa, outro nome inevitável na realização destes estudos.

Manuela Silva é igualmente pioneira nos estudos sobre desigualdade da repartição do rendimento e sobre igualdade de género: “Desenvolvimento Económico e Repartição do Rendimento” e “O Emprego das Mulheres em Portugal – A Mão invisível na Discriminação Sexual no Emprego” em 1983 e “A Repartição do rendimento em Portugal no Pós abril 74 – Tópicos para um Debate” em 1985.

Manuela Silva aposenta-se como Professora Catedrática convidada do ISEG em 1993, mas a sua ligação ativa com a Universidade mantém-se durante vários anos, quer como orientadora de doutoramento de vários jovens assistentes, quer como membro do Conselho Geral da Universidade Técnica de Lisboa, onde desempenha um papel de relevo no processo de fusão da Universidade Técnica de Lisboa e da Universidade de Lisboa. Em 2013, a Universidade de

Lisboa atribuiu-lhe o “Doutoramento Honoris Causa”, sob proposta do Conselho Científico do ISEG.

No entanto, a atividade de Manuela Silva nunca esteve exclusivamente confinada aos muros da Universidade. A criação de diversos centros de investigação e de reflexão foi uma constante do seu processo de vivenciar e disseminar as ideias e os valores em que acreditava e por que se batia, de construir espaços múltiplos de debate e de mobilização na defesa de uma sociedade mais democrática, mais justa, de um desenvolvimento sustentável e de uma economia ao serviço das pessoas. Muitas dessas iniciativas são indissociáveis do seu envolvimento no seio da Igreja Católica onde foi sempre uma voz atuante e participante, mas igualmente crítica.

Em 1975 cria o CRC (Centro de Reflexão Cristã) de que é presidente durante vários anos e diretora da Revista “Reflexão Cristã”, para a qual escreve múltiplos artigos. Em 1992 funda o CESIS (Centro de Estudos para a Intervenção Social) com o objetivo explícito de “analisar, para compreender, a realidade social nas suas diferentes dimensões e de intervir para promover a coesão social”. Entre 1983 e 1987 é presidente do Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos / Pax Romana. Entre 2006 e 2008 preside à Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP).

Um dos aspetos mais salientes da sua atividade na CNJP é, em 2008, a apresentação na Assembleia da República de uma proposta em que se reclama a definição da pobreza como uma violação de direitos humanos e que dessa definição se deva retirar as necessárias consequências nos planos político e jurídico. O projeto foi aprovado por unanimidade, mas as suas implicações práticas foram, infelizmente, quase nulas.

Nos anos mais recentes, a reflexão e a ação de Manuela Silva desdobram-se prioritariamente por três instituições: a Fundação Betânia, a “Rede Cuidar da Casa Comum” e Grupo de Reflexão “Economia e Sociedade”.

A Fundação Betânia, de que é fundadora e foi Presidente vitalícia, é um espaço que se propõe “a procura de novos alicerces culturais e espirituais, que conduzam à realização harmoniosa do ser

humano, na sua globalidade, e abram caminhos a modos de vida e a relações sociais orientadas segundo o Primado do Amor”. Nesse espaço, Manuela Silva desenvolve e publica mensalmente no *site* da fundação muitos dos seus textos de cariz mais espiritual e religioso, reunidos em livros como “Ouvi do Vento” de 2010 (textos de 2003-09). Outras obras marcantes desta vertente da reflexão são “No Jardim do Peixe” em 2014 e “Resiliência Criatividade Beleza” em 2018.

Em 2018 Manuela Silva funda e dinamiza a “Rede Cuidar da Casa Comum” com o objetivo de aprofundar e difundir a encíclica “*Laudato si’* – Sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco, e onde o debate sobre as questões ecológicas de âmbito nacional e mundial e o sugerir de caminhos de atuação para uma ecologia integral são as preocupações fundamentais.

Também criado e dinamizado por Manuela Silva, “Economia e Sociedade” é um grupo de reflexão cujas tomadas de posição procuram contribuir para o debate de questões relevantes e oportunas para o desenvolvimento da economia e da sociedade portuguesa e para a construção de uma nova economia ao serviço dum desenvolvimento humano e sustentável.

Das suas atividades recentes destacam-se os amplos debates nacionais sobre temas como “Pensar a Educação” em 2015, “Por onde vai o ensino da Economia?” e “Economia e Sociedade – Pensar o Futuro”, ambos em 2019. Estes debates, assentes em estudos aprofundados amplamente discutidos em reuniões preparatórias e posteriormente publicados, traduzem fidedignamente algumas das preocupações centrais do pensamento de Manuela Silva ao longo de toda a sua vida: o papel da educação, em particular, o do ensino da economia, e o modelo de sociedade e de desenvolvimento.

A descrição, ainda que incompleta, a que procedemos do percurso de Manuela Silva permite-nos ter uma visão da importância que ela teve na identificação dos problemas sociais que afetam a nossa sociedade, da sua luta por uma sociedade mais justa onde a pobreza seja erradicada e as desigualdades fortemente reduzidas, na defesa de uma economia ao serviço das pessoas e de uma noção de desenvolvimento sustentado do ponto de vista social, económico e ambiental.

Mas aqueles que com ela percorreram parte desse percurso guardam adicionalmente o testemunho da sua enorme capacidade de refletir sobre os problemas e de encontrar soluções, da coragem com sempre defendeu as suas ideias, do seu talento para ouvir, mas também de envolver os outros, do enorme capital de esperança transformadora que transmitia a tudo em que se envolvia. Como Manuela Silva descreve no seu livro “Ouvi do Vento” *“Há pessoas cuja presença é, por si mesma, um feixe de luz que irradia, tanto para os lugares onde habitam como para as outras pessoas à sua volta”*. Manuela Silva era, inquestionavelmente, uma dessas vidas luminosas.

O principal legado que Manuela Silva nos deixa é um desafio para nos inquietarmos, para não baixar os braços, para continuar o seu combate por uma economia ao serviço das pessoas, que preserve a casa comum que todos hoje habitamos e onde novas gerações irão habitar no futuro e que assegure um desenvolvimento socioeconómico sustentado e inclusivo.